

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Neide Abadia Carneiro

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Anaiara Lourenço da Silva

DOI 10.22533/at.ed.4172115041

CAPÍTULO 2..... 16

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Lucyélen Costa Amorim Pereira

Andréa Ferreira da Costa

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas

Mayara Cazadini Carlos

DOI 10.22533/at.ed.4172115042

CAPÍTULO 3..... 25

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.4172115043

CAPÍTULO 4..... 38

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Daniela Soares da Silva

Simone Pereira da Costa Dourado

DOI 10.22533/at.ed.4172115044

CAPÍTULO 5..... 49

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Nancy Zárate Castillo

Gloria Patricia Ledesma Ríos

DOI 10.22533/at.ed.4172115045

CAPÍTULO 6..... 61

COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES

Ludmila Castanheira

Lua Lamberti de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.4172115046

CAPÍTULO 7	67
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto	
Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.4172115047	
CAPÍTULO 8	85
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.4172115048	
CAPÍTULO 9	97
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza	
Priscilla Jordanne Silva Oliveira	
Rafaela Fernandes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4172115049	
CAPÍTULO 10	110
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa	
Vandiel Barbosa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.41721150410	
CAPÍTULO 11	127
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.41721150411	
CAPÍTULO 12	140
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas	
Matteo Henrique Sartore	
Letícia Oliveira Lima	
Beatriz dos Santos Rissi	
Barbra Kei Yaguiui Knorst	
Cristina Landgraf Lee	
DOI 10.22533/at.ed.41721150412	

CAPÍTULO 13.....	154
O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	166
ÍNDICE REMISSIVO.....	167

CAPÍTULO 4

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 01/03/2021

Daniela Soares da Silva

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7730714191327480>

Simone Pereira da Costa Dourado

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/1995978265681165>

RESUMO: Homens e mulheres vivenciam o envelhecimento de formas distintas, do mesmo modo, há diferenças na criação e no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Assim, o objetivo deste artigo é entender se o uso das TIC pode ressignificar a velhice atentando-se também a possíveis melhorias na qualidade de vida a partir da integração aos processos de inovação tecnológica. Também buscamos compreender as diferenças nos usos das TIC por homens e mulheres idosas. A netnografia fez-se presente nesse processo, observamos o comportamento online de idosos e idosas em redes sociais, além da realização de um questionário online com perguntas diversas relacionadas ao uso da internet. Com o questionário online observou-se maior interesse feminino em assistir filmes e séries, beleza, artesanato e receitas. O interesse masculino ficou circunscrito às notícias diárias sobre diferentes assuntos e àquelas sobre esportes e

somente os homens citaram que usam a internet para trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento; Gênero; Tecnologias Digitais.

FEMALE AGING AND THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES

ABSTRACT: Men and women experience aging in different ways, similarly, there are differences in the creation and use of Information and Communication Technologies (ICT). Thus, the objective of this article was to understand whether the use of ICT can give a new meaning to old age while also looking at possible improvements in the quality of life from the integration of technological innovation processes. We also seek to understand the differences in the use of ICT by older men and women. Netnography was present in this process, we observed the online behavior of elderly men and women on social networks, besides the realization of an online questionnaire with several questions related to the use of the internet. Thus, we attested that there was a greater female interest in watching movies and series online, beauty, crafts and recipes. While men, they showed more interest in news, sports and just them mentioned that they use the internet for work.

KEYWORDS: Aging; Genre; Digital Technologies.

1 | INTRODUÇÃO

O termo velhice é fruto de uma construção social e não está restrito ao passar

dos anos da vida humana. A categoria idosa, definida apenas por ter 60 anos ou mais, torna uniforme um grupo diverso, aspectos de classe, raça e gênero, por exemplo, diferenciam os indivíduos pertencentes a este grupo. Nem todos vivenciam o envelhecimento da mesma forma, assim, não há uma velhice única, mas velhices. Dentre os fatores que contribuem para as diferentes experiências de envelhecimento está o de gênero. Homens e mulheres vivenciam de forma diferente essa fase da vida, pois, a socialização feminina e masculina é diferente entre si e se faz presente em todas as idades. De acordo com Fernandes e Garcia (2010) os homens idosos destacam a aposentadoria como um grande anunciador da chegada dessa fase da vida, já as mulheres associam o período à perda da beleza, muito associada à juventude. Ao destacar as preocupações com a beleza, as mulheres idosas evidenciam uma conjuntura que passaram a vida inteira, a da pressão estética, haja vista que as mulheres são condicionadas a lutar contra o tempo que traz consigo as tão temidas rugas, reprovadas socialmente. Já os homens idosos, ao destacar a aposentadoria como grande anunciador da senioridade, explicitam que ao deixar o sistema produtivo também deixam a vida social ligada à juventude e aos lucros, eles deixam de ser úteis ao capital. Ao homem é destinada a função de ser o provedor do lar e ao chegar na terceira idade, ao deixar os postos de trabalho, sente-se inerte. Diferente das idosas, eles não têm a função explícita de cuidar do lar, sendo assim, não é possível compensar o tempo, agora ocioso, nas atividades domésticas.

Além disso, homens e mulheres que hoje são idosos tiveram trajetórias de vida distintas o que influencia na maneira como o envelhecimento será vivenciado. A velhice para as mulheres é diferente em relação aos homens, visto que, além do envelhecimento elas têm que lidar com as discriminações de gênero. Para elas esse período também pode ser marcado pela solidão, o estado conjugal entre idosos e idosas não é proporcional, na terceira idade os homens têm mais possibilidades de encontrar uma parceira, por vezes mais nova. Se a mulher idosa for negra soma-se o racismo a esta equação, elas em todas as idades tendem a ser preteridas, pois homens brancos e negros em geral, escolhem mulheres brancas para se casar. Ainda em relação a cor, idosas negras e pardas são 36,0% enquanto idosas brancas são 61,1% dentre 8 milhões, as mulheres negras em toda a vida estão mais expostas a morbidade e mortalidade o que pode nos explicar tais estatísticas (BATISTA; MOTTA, 2014). Assim, os feminismos consideram questões de raça e classe, mas será que o fazem igualmente em relação a questões geracionais? Alda Britto da Motta em seu trabalho de título provocador *PVC-Bicho papão para as feministas* (a sigla PVC para a autora seria “a po**a da velhice chegando) questiona o lugar da velhice no feminismo, para a autora a condição de gênero tem sido definidora na vida dos idosos, pois, “ser velho é, em boa parte, ser mulher” (MOTTA, 1998, p. 139). Assim, é preciso pensar de forma concreta a situação de vida dessas mulheres para propor melhorias em sua qualidade de vida.

As teorias feministas em sua maioria têm visado a inclusão, o feminismo não pode

ficar restrito às mulheres brancas, heterossexuais e jovens. Como sabemos, a “mulher universal” não existe, existem mulheres diversas, diferentes em suas vivências. Todavia, políticas públicas voltadas para mulheres, em geral, ao tratar da saúde e sexualidade feminina, por exemplo, têm focado no período reprodutivo, assim, as mulheres que estão fora dessa faixa etária acabam excluídas das discussões. De acordo com o estudo de Batista e Motta (2014), são recentes os documentos relacionados as políticas públicas que consideram a diversidade geracional feminina. O primeiro Plano de Política Pública para Mulheres (PNPMs), de 2005, não fez referência clara às mulheres idosas e não incluiu em seus grupos de trabalho nenhum representante de qualquer órgão ligado às questões referentes às pessoas idosas. Já o segundo PNPM, de 2007, mais abrangente, incluiu em uma de suas áreas estratégicas o “Enfrentamento das desigualdades geracionais que atingem mulheres com especial atenção às jovens e idosas” além de fazer referência à questão geracional também em outras áreas. No entanto, para as autoras, mesmo que o movimento feminista tenha se voltado às questões geracionais, estas ainda aparecem de forma tênue nos debates. É preciso então, pensar um movimento feminista “anti-etarista” que abrange mulheres em suas totais especificidades, incluindo as relacionadas à idade.

Assim, o objetivo deste artigo é verificar se o uso das TIC pode ressignificar a velhice, além de verificar se mulheres idosas fazem uso desses espaços virtuais, com qual frequência e para quais fins. Buscamos entender se o uso das TIC pode constituir uma ponte entre gerações marcadas pelo conflito, como aquele que opõe idosos e jovens, e, ainda, se o uso das TIC criou espaços de convivência entre esses diferentes grupos geracionais. Além disso, buscamos identificar se o uso das TIC pode contribuir como uma forma de integração da população idosa aos processos sociais atuais, pois, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação torna possível a expressão de opinião, além do acesso a informações por meio das redes. Ademais, tivemos como objetivo entender as diferenças entre a utilização das TIC por homens e mulheres idosas.

Dessa forma, a metodologia utilizada neste estudo consistiu em revisão bibliográfica e coleta de dados etnográficos por meio de netnografia empreendida em redes sociais. Robert Kozinets em seu livro *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online* define a netnografia como “[...] pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (KOZINETTS, 2014, p. 62). Assim, encontramos um grupo no Facebook destinado a idosos e administrado por eles, o grupo para idosos observado foi criado em 2014, está no ar há mais de cinco anos e possui cerca de 1.700 membros, as interações entre os participantes do grupo são diárias e muitos buscam interagir para fazer amizades por meio dos contatos no grupo.

Desse modo, o campo de pesquisa da netnografia não está restrito a um espaço físico como uma cidade ou estado, no grupo observado as interações aconteciam entre

pessoas de diferentes lugares do Brasil, o campo de estudo nesse sentido é baseado nas características de uma comunidade online para além dos critérios de definição de um campo de pesquisa no espaço geográfico.

Além disso, realizamos por meio da plataforma de formulários disponibilizada pela Google, durante os meses de dezembro de 2019 e março de 2020, um questionário com 17 perguntas, as quais as respostas em sua maioria eram de múltipla escolha a fim de facilitar e diminuir o tempo para respostas. O questionário foi divulgado principalmente em redes sociais como Twitter, Instagram e Facebook, além de aplicativos de mensagens como WhatsApp.

Para Polivanov (2013) a pesquisa na internet tem uma forma diferente de interação entre o pesquisador e o grupo estudado, sendo possível que o pesquisador somente observe o cenário virtual, ou que ele também participe e interfira neste. De qualquer forma, a observação intermediada pela tecnologia trará resultados distintos daqueles coletados presencialmente, a internet possui linguagem própria devido aos recursos da rede, o uso de emoticons, fotografias e gírias durante uma conversa online muda o conteúdo da observação do pesquisador, essas diferenças justificam a utilização de um termo específico para pesquisas em ambiente online.

21 A EXPANSÃO TECNOLÓGICA E SUAS RELAÇÕES COM QUESTÕES GERACIONAIS E DE GÊNERO

O jovem do século XXI cresceu em meio a ascensão tecnológica exponencial, ainda na infância muitos tiveram acesso aos computadores, celulares e tablets. Tais aparatos tecnológicos mudaram a relação das pessoas com o mundo, rolar o feed de notícias de uma rede social é uma habilidade quase inata aos “nativos digitais”, nascidos na era da informatização, a estrutura de pensamento, a visão de mundo e a forma de aprendizado destes é compatível com a timeline das redes sociais. Essa habilidade é necessária em vários aspectos da vida cotidiana, utilizamos tais inovações tecnológicas para o trabalho, os estudos e a socialização. Todavia, nem todos, na contemporaneidade, acessaram de imediato os aparatos tecnológicos. Os “imigrantes digitais”, nascidos fora do auge tecnológico, aprenderam a linguagem do ambiente permeado de redes sociais tardiamente e para estes a lógica de rolagem infinita de feeds não é congênita. No processo de aprendizagem de um novo idioma é natural a permanência de um sotaque, um pé no passado. Quando falamos de aparatos tecnológicos o “sotaque do imigrante digital” é percebido pela forma de acesso à internet, pela maneira de lidar com instruções de uso, até mesmo o conteúdo de postagens e a utilização de uma rede social ou outra. Atualmente, os mais velhos estão aprendendo a nova linguagem tecnológica, isso significa que essas informações apreendidas posteriormente irão para uma área diferente do cérebro, distinto do que acontece com os nativos digitais (PRENSKY, 2001). A relação entre a expansão

tecnológica e o processo de envelhecimento moderno é complexa, tanto a população idosa mundial quanto as TIC crescem exponencialmente, as tecnologias já dominam o cotidiano da sociedade atual e como os imigrantes digitais lidam com a ascensão tecnológica é um campo teórico rico.

Entretanto, as diferenças na forma de lidar com a tecnologia não ficam restritas às diferenças geracionais, homens e mulheres têm experiências diferentes com tais inovações. Os dados do sistema educativo e os da área empresarial indicam que a presença feminina nos estudos e profissões relacionadas com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) continua a ser minoritária. Os homens criam e gestiona as inovações digitais e as mulheres são utilizadoras dessas inovações, o que pode aumentar a exclusão de gênero numa sociedade onde as TIC são um pilar fundamental da comunicação, da ciência, da cultura, e até mesmo da economia. Uma hipótese que explica o porquê dessa diferença entre homens e mulheres em relação a tecnologia é a de que a socialização feminina ainda direciona mulheres para áreas diferentes das tecnológicas, áreas voltadas para o cuidado, como enfermagem por exemplo, além disso, a velocidade na qual as TIC são inseridas na sociedade é superior àquela correspondente à emancipação feminina (JIMENÉZ E FERNÁNDEZ, 2016). É importante destacar que, apesar de participarem pouco da geração dessas novas tecnologias, as mulheres utilizam as Tecnologias da Informação e Comunicação, sendo possível que as TIC sejam uma forma de ressignificar a velhice feminina, como exposto no estudo de Loe (2010) sobre nonagenárias em New York. A pesquisa informa que os usos que essas mulheres fazem das tecnologias podem gerar formas de conhecimento que reinventam a velhice e fazem dessas ferramentas um instrumento de poder e autonomia não experimentados antes. Em geral, as inovações tecnológicas não são pensadas para a terceira idade, mas podem ser utilizadas por ela, por vezes passando por ajustes e ressignificação. As mulheres idosas por meio das tecnologias podem atuar no mundo apesar da falta de mobilidade e até mesmo saúde física advindas da longevidade.

Durante a nossa pesquisa sobre Envelhecimento Feminino e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação feita entre agosto de 2019 e junho de 2020 entendemos que uma das redes sociais mais utilizadas, sendo uma das principais fontes de interação entre idosos na rede, é o Facebook. Por meio da plataforma encontramos um grupo feito por idosos e destinado a eles, criado em 2014 possui cerca de mil e setecentos membros do Brasil todo. Todos os membros podem postar no grupo, porém, há regras, como exposto por seu criador na página inicial do grupo:

“ PRECISO SABER QUAL A SUA INTENÇÃO ? ESSE GRUPO É

PUBLICO PODE PARTICIPAR “ SEJA ELE OU ELA “ FIQUE A VONTADE, PARA POSTAGENS DE FOTOS , OU QUALQUER TIPO DE ARQUIVO QUE ESTEJA DENTRO DO PADRÃO DO GRUPO ; NÃO É PERMITIDO TRAJES DE BANHO NEM PALAVRÕES NEM CONTEÚDO PORNOGRÁFICO; O RESPEITO

É BOM E TODOS NÓS GOSTAMOS COMBINADOS ? ENTÃO VAMOS NÓS
!!!!” (Administrador e criador do grupo para idosos no Fabebook).

O uso de letras maiúsculas pelo criador e administrador membro do grupo pode ser entendido como parte de seu sotaque como imigrante digital. Enquanto os mais jovens cujo cotidiano foi moldado de acordo com as TIC podem entender, em geral, o uso de letras maiúsculas como uma forma de dar ênfase a uma palavra ou frase, para os mais velhos e menos habituados com as inovações tecnológicas o recurso pode ser ressignificado. A utilização das letras maiúsculas por idosos pode não estar relacionada a ênfase, mas a facilitação da leitura por meio das letras maiores, visto que, na terceira idade pode haver a diminuição da acuidade visual (LEITÃO et al. 2019).

Assim, seguindo as regras do grupo, as postagens em sua maioria são compostas por imagens de bom dia e frases religiosas, em sua maioria as postagens e comentários são feitos por mulheres. Caso os membros não cumpram as ordens podem ser banidos do grupo. Além das imagens de bom dia, alguns membros, principalmente os do sexo feminino, compartilham suas próprias fotos, muitas(os) recebem elogios dos colegas de grupo, o flerte se fez presente em várias postagens, algumas são explicitamente feitas com esse objetivo, nestas, os participantes colocam uma foto e compartilham na legenda informações como idade, cidade em que reside e até mesmo sua religião. Nos comentários os(as) interessados(as) pedem o número de telefone para contato, colocam emoticons de corações, tudo com muito respeito. Além do interesse romântico, há aqueles que compartilham suas fotos com o intuito de fazer novos amigos, geralmente estes são os mais velhos do grupo. Em suma, o objetivo central da maioria das postagens é interagir, visto que, a solidão é uma queixa frequente entre os membros do grupo como exposto em posts sobre solidão, os quais contam com os comentários dos membros que por meio da plataforma prestam apoio, se identificam, concordam e dão até mesmo dicas para combater a solidão.

Ademais, por meio do grupo alguns integrantes expressaram suas opiniões políticas evidenciando que por meio das redes sociais é possível continuar se informando e integrar-se aos processos sociais atuais para assim opinar sobre eles. Os idosos que utilizam as TIC podem atuar na sociedade durante toda a fase da vida, mesmo com possíveis adversidades físicas, fazendo-se cumprir o tratado no plano internacional de ação para o envelhecimento de 2003, o qual propôs além do reconhecimento das contribuições dos idosos à sociedade a manutenção na participação deles ativamente em tomadas de decisões em todos os níveis (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 35). As redes sociais, então, têm sido uma forma de convívio para esses idosos apesar da distância, visto que foi observado que as interações entre os membros do grupo ficam restritas ao ciberespaço e muitas acontecem entre pessoas de estados diferentes sem que isso seja um empecilho. O contato entre os membros é real, mesmo que não seja presencial.

Além disso, a interação proporcionada pelas TIC têm sido uma fonte de convívio

também fora das redes sociais, as TIC são parte da vida dos jovens desde muito cedo, eles sabem utilizar dessas ferramentas com facilidade e ajudam os mais velhos a entendê-las, os filhos e netos, em geral, são os responsáveis por ensinar os avós e os pais a utilizar as novas tecnologias. Assim, a tecnologia proporciona um momento de interação entre as gerações também para além do ciberespaço, atuando como uma ponte entre gerações marcadas por conflito, há uma relação entre nativos digitais e imigrantes digitais que buscam aprender essa nova linguagem. Na pesquisa que fizemos, alguns informantes precisaram do auxílio de seus netos para responder ao questionário, um deles inclusive enviou um registro por foto do momento em que auxiliou a avó nas respostas.

O estudo de Leitão et al. (2019) utilizando-se de dados etnográficos coletados no Facebook e no curso de informática para a Melhor Idade ofertado pelo laboratório de informática da PRAE/CPD da UFSM no ano de 2016 tratou da relação dos mais velhos com a tecnologia. Diferenças geracionais também se fizeram presente na pesquisa, pois, enquanto os estudantes eram em sua maioria pessoas com mais de 50 anos, os professores eram jovens de cerca de 20 anos. Ademais, diferente de outros cursos ofertados pela instituição para ser um professor de informática para a melhor idade não é necessário ter especialização, o saber tecnológico nesse sentido estaria relacionado ao pertencimento a uma geração que desde a infância teve contato com as TIC, o saber digital seria como um estilo de vida a ser passado adiante, não é algo técnico a ser ensinado por especialistas qualificados, parte-se do princípio que ser jovem é saber lidar com as TIC. Ainda de acordo com Leitão et al. (2019) a busca pelo entendimento das TIC pelos idosos tem como base a manutenção das relações familiares e a necessidade de integração às inovações tecnológicas, no caso das idosas elas buscavam por meio da tecnologia estreitar os laços com seus netos. Além do interesse pela tecnologia, a construção de laços entre os participantes das turmas se fez presente, evidenciando que as TIC podem contribuir para a manutenção da qualidade de vida do idoso ampliando sua teia de relações sociais.

3 | DADOS DO QUESTIONÁRIO DESTINADO A PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS SOBRE O USO DE TECNOLOGIA: USO QUE AS MULHERES IDOSAS FAZEM DAS TIC

A partir da revisão bibliográfica sobre envelhecimento e o uso das TIC criamos um questionário online sobre a temática para que por meio de redes sociais como Instagram, Facebook, Twitter e aplicativos de mensagens como WhatsApp divulgássemos as 17 questões sobre o tema a fim de verificar por meio das respostas diferenças no uso da tecnologia por homens e mulheres idosas.

O primeiro grupo de perguntas do questionário foi sobre os dados pessoais dos informantes, também perguntamos o sexo dos informantes para que fosse possível identificar possíveis diferenças nas respostas quanto ao uso das TIC. Perguntas referentes

às fontes de renda e escolaridade foram feitas para que também pudéssemos entender o perfil socioeconômico dos informantes. Por fim, realizamos questões sobre o uso da internet pelos informantes, quanto tempo ficam conectados e por quais dispositivos, possibilitando que de acordo com as respostas fosse possível estabelecer diferenças entre homens e mulheres e idosos quanto a utilização das TIC.

Assim, obtivemos 24 respostas de pessoas com idades entre 57 e 76 anos, sendo 18 do sexo feminino (75%) e seis do sexo masculino (25%). Recebemos respostas de diferentes estados como São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais além do Paraná. Ademais, dez (41,7%) pessoas responderam que acessavam a internet pelo computador e pelo celular, outras 14 (58,3%) pessoas utilizavam somente o celular para se conectar, nenhum dos informantes afirmou usar somente o computador. Tais dados corroboram o evidenciado por Fernández Ardèvol (2019), em termos de custo e facilidade de utilização, o celular é mais acessível aos idosos, sendo também o dispositivo mais utilizado para o acesso à rede em todas as faixas etárias. É possível utilizar o celular sem acesso prévio a um computador, pois, é mais fácil aprender a usar o dispositivo móvel que já faz parte do cotidiano de milhares de brasileiros.

Ao analisar esses dados considerando o gênero dos informantes é observável algumas diferenças nas respostas masculinas e femininas. Quando questionados para quais fins utilizam a internet nenhum homem afirmou utilizar a rede para assistir filmes ou séries, enquanto 33% delas marcaram essa opção. Quanto aos jogos, 17% deles marcaram que usam a internet para tal, enquanto 22% delas também marcaram essa opção. Somente elas afirmaram usar a tecnologia para fins religiosos, 33% alegaram acessar conteúdos religiosos nas redes, eles, ao contrário, não marcaram nenhuma vez essa opção. Ademais, somente eles acrescentaram outras opções de uso, sendo estas: Trabalho e mapas e serviços de transportadora. Nenhuma informante do sexo feminino citou trabalho durante o questionário.

Todos informantes do sexo masculino afirmaram que utilizam a internet para pesquisas, já entre elas, somente 78% afirmou utilizar a rede para esse fim. 17% dos homens afirmaram fazer pesquisas acadêmicas, enquanto 11% delas alegou fazer esse mesmo tipo de pesquisa. Quanto às receitas, elas pesquisam mais sobre esse assunto do que eles, 55% das mulheres afirmaram fazer buscas relacionadas a receitas, contra apenas 33% deles. Somente elas afirmaram pesquisar sobre moda (17% delas marcaram essa opção, enquanto nenhum homem marcou essa opção). 83% dos informantes do sexo masculino afirmaram fazer buscas por notícias, enquanto somente 44% delas afirmaram fazer o mesmo. Somente 17% deles pesquisam sobre saúde, por outro lado, 44% delas pesquisam sobre o assunto. Nenhuma mulher marcou a opção “esportes” como um de seus temas de pesquisa, já entre os homens metade deles marcaram essa opção. Eles pesquisam menos do que elas sobre lazer, 17% dos homens marcaram essa opção, já dentre elas 28% marcaram. 17% deles pesquisam sobre segurança, contra somente 5%

delas. Eles acrescentaram outras opções além das listadas no questionário, adicionando novamente o trabalho e pesquisas relacionadas a política, já nos acréscimos feitos pelas informantes mulheres há beleza e artesanato. Com isso, é observável os diferentes usos da tecnologia por homens e mulheres, eles pesquisam mais sobre notícias e esportes, enquanto elas pesquisam mais sobre receitas, saúde e notícias.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2015, homens com 60 anos ou mais anos compunham 4,9% daqueles que com 10 ou mais anos utilizaram a internet nos três meses de referência em 2015, enquanto elas compunham 5,1%. Do mesmo modo, do grupo de pessoas com 10 anos ou mais que possuíam telefone móvel celular para uso pessoal, os homens de 60 ou mais anos de idade compunham 11,5%, enquanto as mulheres idosas dessa mesma faixa etária totalizaram 12,4%. Elas são maioria quando o assunto é o uso de TIC, porém, com diferenças quantitativas pouco marcantes, idosos e idosas quantitativamente têm o mesmo acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) as diferenças aparecem nas diferentes formas de uso, como já exposto.

4 | CONCLUSÃO

O envelhecimento da população mundial é um fato, países do mundo todo assistem a pirâmide etária mudar seu formato, a população idosa na maioria dos países cresce em número ano após ano. Assim, durante esta pesquisa pensamos sobre esse processo, envelhecer pode significar uma vitória, a diminuição da mortalidade, o avanço da medicina no tratamento de doenças que antes eram fatais. Contudo, o envelhecimento também pode significar perdas quando não há a manutenção da qualidade de vida. O conceito de qualidade de vida possui múltiplos significados, está relacionado à capacidade física, acesso a bens de consumo, à cultura, educação, interações sociais e outros e na terceira idade não é diferente. Assim, concluímos que o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação pode ajudar na manutenção da qualidade de vida dos idosos e até mesmo em sua saúde, visto que, a internet é uma nova dimensão da vida social, por meio da qual os indivíduos interagem, compartilham ideias e informações em tempo real pelo mundo todo. Entendemos que há uma relação entre o acesso às TICs e a qualidade de vida dos idosos, ao utilizar essa ferramenta eles se comunicam com maior frequência com familiares, ocupam o tempo livre com atividades em meios digitais diminuindo a solidão além acessarem os mais diversos conteúdos.

Todavia, o acesso e utilização das TIC não acontece de maneira uniforme, com este estudo identificamos diferentes usos dos aparatos tecnológicos por homens e mulheres idosas. Também exploramos diferenças geracionais em relação as TIC, com a ascensão da tecnologia no cotidiano mundial, os jovens passaram a ter um papel ativo na passagem do conhecimento aos mais velhos, gerando uma forma de interação entre gerações distintas.

Para trabalhos futuros faz-se necessária a coleta de dados também fora do ciberespaço, além da ampliação em número dos informantes para que o tema seja compreendido em sua total complexidade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Carla Gisele; MOTTA, Alda Britto da. **Velhice é uma ausência? Uma aproximação aos feminismos e à perspectiva geracional.** Revista Feminismos, Salvador - Ba, v. 2, n. 1, p. 37-46, abr. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30019/0>. Acesso em: 25 jun. 2020

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. **O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos.** Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.4, p.771-783, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/05.pdf> Acesso em: 04 maio. 2020.

FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia. **Práticas digitais móveis das pessoas idosas no Brasil: dados e reflexões.** Panorama setorial da Internet, n.1 p.1-18, março, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/1/panorama_estendido_mar_2019_online.pdf . Acesso em: 25 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.** Tabela 4820 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, total, distribuição e percentuais, por sexo e grupos de idade. Brasília, DF, 2015. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/4820>> Acesso em: 25 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.** Tabela 4843 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham telefone móvel celular para uso pessoal, total, distribuição e percentual, por sexo e grupos de idade. Brasília, DF, 2015. Disponível em:<<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/4843>> Acesso em: 25 mar. 2020.

JIMÉNEZ, Rafael; FERNÁNDEZ, Carmen. **La brecha de género en la educación tecnológica.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.24, n. 92, p. 743-771,jul./set.2016.Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440362016000300743&script=sci_abstract&lng=es> Acesso em: 29 mai. 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

LEITÃO et al. **Pegando o jeito de domar o bicho: o processo de aprendizagem das tecnologias digitais por idosos.** Rev. Antropol. São Paulo, v.62 n.3 p. 652 – 658, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165233> Acesso em: 14 jul. 2020.

LOE, Meika.2010. **Doing it my way: old women, technology and wellbeing.** Sociology of Health & Illness Vol. 32 No. 2 2010 ISSN 0141–9889, pp. 319–334. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-9566.2009.01220.x> Acesso em 29 mai. 2020.

MOTTA, Alda Britto da. **PVC - Bicho-papão para as Feministas?** In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ivia; MACÊDO, Márcia (org.). Metamorfoses: Gênero na perspectiva interdisciplinar. 3. ed. Salvador - Ba: Ufba, Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre A Mulher, 1998. Cap. 11. p. 137-145.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002**/ Organização das Nações Unidas; tradução de Arlene Santos. — Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. — 49 p. : 21 cm. — (Série Institucional em Direitos Humanos; v. 1).

PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants**. On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. Esferas. Brasília, Ano 2, n° 3, p. 61 – 71, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>> Acesso em: 08 jul. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

P

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

R

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

S

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

T

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129





Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139





V

Velhos 41, 43, 44, 46

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br